

SOBRE A SINTAXE DE CONSTRUÇÕES *OUGHT-TO-BE* COM E SEM *ADDRESSEE* ESPECÍFICO

Núbia Ferreira RECH*

Simone GUESSER**

- **RESUMO:** O presente artigo tem como foco o deôntico *ought-to-be*, analisado a partir dos conceitos de obrigação discutidos em Castañeda (1970), Feldman (1986) e Hacquard (2006, 2010). A partir de testes de co-ocorrência de um modal *ought-to-be* com elementos que ocorrem na camada CP – em particular, com a expressão-wh *por que* e com elementos adverbiais –, constatamos que o *ought-to-be* é interpretado entre as posições altas de IntP e ModP. Mostramos também que um *ought-to-be* pode figurar em construções com ou sem *addressee* específico e que essa diferença se reflete na sintaxe. Nossa proposta é estender a análise de Portner, Pak e Zanuttini (2019), desenvolvida para partículas de estilo de fala do coreano, para o deôntico *ought-to-be*, postulando que esse deôntico, quando usado com um *addressee* específico, integra uma estrutura em que a categoria cP é projetada, o que permite que traços que expressam a relação falante-interlocutor, tais como o traço de *status*, sejam checados. Consequentemente, esse modal é restrito ao domínio matriz. Por outro lado, quando ele ocorre em uma sentença sem *addressee* específico, ele integra uma estrutura sem a projeção de cP, uma vez que ele não remete à relação falante-interlocutor. Nesse caso, o modal aparece em domínios matrizes e encaixados.
- **PALAVRAS-CHAVE:** deôntico *ought-to-be*; modalidade deôntica; relação falante-interlocutor; categoria cP.

Introdução

De acordo com Rech, Soares e Guesser (2019), o conceito de *ought-to-be* de Castañeda (1970) e Feldman (1986) difere do de Hacquard (2006, 2010). Os primeiros associam *ought-to-be* com um tipo de obrigação que transmite a ideia de como algo deve ser ou de como deve ocorrer, sem que um agente específico seja responsabilizado pelo evento. Essa definição contrasta com a de um deôntico *ought-to-do*, que liga

* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis - SC - Brasil. nubia.rech@ufsc.br. ORCID: 0000-0002-9278-2702.

** Universidade Federal de Roraima; Universidade Federal da Fronteira Sul; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Chapecó – SC – Brasil. simoneguesser@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0002-0064-9251.

um evento a um participante, colocando a obrigação de realizar o evento sobre um agente específico. Hacquard (2006, 2010) também faz uso dessa distinção, associando as diferenças entre esses dois tipos de obrigação à posição do modal na sentença: o deontico *ought-to-be* é interpretado em uma posição alta, acima das categorias de Tempo e Aspecto, enquanto o *ought-to-do* é interpretado em uma posição baixa, sob o escopo de Tempo e quase todas as categorias que indicam Aspecto. Diferentemente da definição de Castañeda e Feldman, o deontico *ought-to-be* de Hacquard corresponde a um ato de fala diretivo, que põe sobre o interlocutor a obrigação de realizar o evento descrito na sentença.¹ Considerando essas definições, ambas as sentenças (1a) e (1b) descrevem uma obrigação do tipo *ought-to-be*:

(1) a. *There ought to be a more equal distribution of wealth in the world.*

‘Tem que/Deve haver uma distribuição mais igualitária da riqueza no mundo’
(FELDMAN, 1986, p. 179)

b. *Kitty has to brush her teeth.*

‘Kitty tem que escovar os dentes’

(HACQUARD, 2006, p. 40)

Feldman observa que, numa sentença como (1a), uma distribuição mais igualitária da riqueza no mundo corresponde a uma obrigação *ought-to-be*, uma vez que esta não recai sobre um agente em particular. De acordo com Hacquard, uma obrigação *ought-to-be* corresponde a um ato de fala diretivo orientado para o interlocutor. Portanto, (1b) ilustra esse tipo de obrigação apenas se proferida em um contexto no qual o falante (a mãe de Kitty, por exemplo) coloca a obrigação do evento diretamente sobre o interlocutor, que pode ser *a babá* ou outra pessoa que esteja responsável por cuidar de Kitty.

Com base em estudos precedentes, pode-se assumir que o deontico *ought-to-be* – de acordo não apenas com Castañeda (1970) e Feldman (1986), mas também com Hacquard (2006) – corresponde a um modal em uma posição alta na estrutura sintática (HACQUARD, 2006, 2010; TSAI, 2015; RECH; VARASCHIN, 2018a, 2018b; RECH; SOARES; GUESSER, 2019). A diferença entre esses conceitos é baseada na orientação desse modal, que pode ser empregado em contextos com um addressee genérico ou sem nenhum addressee, como em (1a), ou em contextos com um addressee específico, como em (1b).

A próxima seção mostra como o deontico *ought-to-be* com addressee específico e aquele com *addressee* genérico ou sem nenhum addressee reagem a fenômenos como acarretamento de verdade e (não-)ocorrência em domínio encaixado. Na sequência, será argumentado que a estrutura de sentenças com o auxiliar modal

¹ “Note that we are using the *ought-to-do/ought-to-be* labels to refer to the distinction between the class of deontics that puts an obligation on the subject vs. that which puts an obligation on the addressee” (HACQUARD, 2006, p. 40).

deôntico *ought-to-be* será diferente se este for ou não orientado para um addressee específico: se sim, a estrutura envolverá uma projeção cP, cujo núcleo contém traços que se referem à interação falante-interlocutor (PORTNER; PAK; ZANUTTINI, 2019); se não for, tal categoria não será projetada na estrutura sintática.

O deôntico *ought-to-be*: addressee genérico ou inexistente vs. addressee específico

De acordo com a literatura (BRENNAN, 1993; HACQUARD, 2006, 2010; TSAI, 2015; RECH; VARASCHIN, 2018a, 2018b; RECH; SOARES; GUESSER, 2019), o deôntico *ought-to-be* é interpretado em uma posição alta, enquanto o deôntico *ought-to-do* é interpretado em uma posição baixa. As principais razões para essa distinção são as diferenças na orientação modal – se a obrigação é colocada no participante do evento descrito pelo vP, preferivelmente o sujeito (*ought-to-do*), ou se recai sobre um participante saliente no evento de fala (*ought-to-be*) – e no modo como esses dois tipos de deônticos se relacionam com as categorias de tempo e aspecto.

Esse artigo foca no modal deôntico interpretado em uma posição alta: *ought-to-be*. Mostraremos como esse deôntico se comporta em relação ao fenômeno acarretamento de verdade e à (não-)ocorrência em domínio encaixado. Consideramos o seu emprego com um addressee específico e também com *addressee* genérico ou inexistente.

Acarretamento de verdade em construções deônticas

O acarretamento de verdade é apresentado por Tsai (2015) como uma consequência da análise dos modais. Esse fenômeno – discutido anteriormente em Bhatt (1999) e Hacquard (2006, 2009) – se refere ao fato de que, quando se encontram em uma forma perfectiva, certos modais causam um acarretamento de que o evento descrito sob seu escopo realmente aconteceu. Os autores apontam que acarretamentos de verdade ocorrem com modais baixos (dinâmicos e deônticos *ought-to-do*), mas não com modais altos (epistêmicos e deônticos *ought-to-be*).

Na análise proposta para o francês (HACQUARD, 2006), acarretamentos de verdade decorrem do fato de o aspecto perfectivo se mover para uma posição acima da posição ocupada por modais dinâmicos e por certos modais deônticos. O chinês não realiza movimento perfectivo; ao invés disso, recorre à inserção de um operador aspectual acima do verbo modal, como uma estratégia para gerar acarretamentos de verdade. Em (2), são apresentados exemplos extraídos de Tsai (2015, p. 290), em que figura o modal deôntico *yao*:

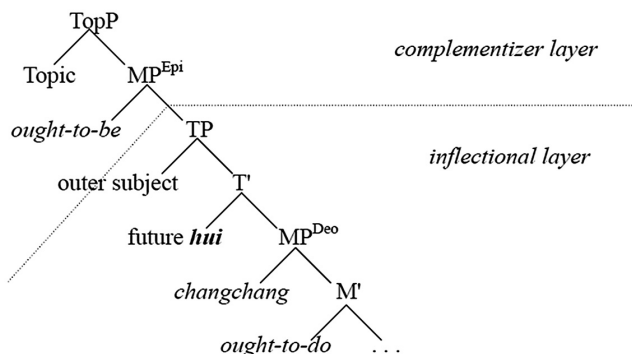
- (2) a. Akiu yao changchang xiuxi. [irrealis: necessidade]
Akiu YAO often rest
'Akiu precisa descansar com frequência/frequentemente'

- b. Akiu changchang yao xiuxi. [realis: necessidade humana]
 Akiu often YAO rest
 ‘Akiu com frequência/frequentemente precisou descansar’

Quando *yao* precede um advérbio de frequência/operador aspectual, tal como *changchang*, ‘frequentemente’ (2a), a sentença apresenta leitura *irrealis*, e o modal apresenta a leitura imperfectiva. Por outro lado, quando *yao* segue o advérbio *changchang* (2b), a interpretação é *realis*, e o modal tem leitura perfectiva. Considerando as sentenças em (2), Tsai observa que o fenômeno do acarretamento de verdade se verifica em construções com modais baixos, tal como o deôntico *ought-to-do* (2b), mas não em construções com modais altos, tal como o deôntico *ought-to-be* (2a).

A diferença de comportamento entre o deôntico *ought-to-do* e o *ought-to-be* em relação a fenômenos como o acarretamento de verdade levou Tsai a propor a estrutura apresentada em (Imagem 1), em que o deôntico *ought-to-do* fica dentro da camada flexional, enquanto o deôntico *ought-to-be* se liga a uma projeção dedicada ao modal epistêmico, na periferia esquerda da sentença:

Imagem 1 – As posições dos deônticos *ought-to-do* e *ought-to-be* de acordo com Tsai (2015)



Fonte: Tsai (2015, p. 291).

Nessa perspectiva, Tsai formula a seguinte generalização: acarretamentos de verdade são restritos a modais que se localizam abaixo de TP, ou seja, os de habilidade, volição, deônticos do tipo *ought-to-do*, entre outros modais de raiz. Modais epistêmicos e deônticos *ought-to-be*, por estarem acima de TP, na periferia esquerda, não geram acarretamentos de verdade.

O fenômeno do acarretamento de verdade, baseado em Hacquard (2006) e Tsai (2015), foi mostrado aqui para argumentar que o deôntico *ought-to-be* é interpretado em uma posição alta na estrutura, acima da categoria de tempo.

No PB, não é possível testar o acarretamento de verdade em construções com o deôntico *ought-to-be* sem um *addressee* específico.

- (3) a. Tem que/Deve se fazer o controle das vacinas nos Postos de Saúde.
- b. Teve que ser feito o controle das vacinas nos Postos de Saúde, #mas o controle não foi feito.

A inconsistência pragmática da continuação “mas o controle não foi feito” mostra que o acarretamento de verdade emerge em (3b). Porém, é importante observar que apenas modais interpretados abaixo de tempo podem se mover para a categoria TP para se unir às marcas de flexão do verbo. A construção *ought-to-be* em (3a) se torna uma construção *ought-to-do* quando o modal *ter que* apresenta morfologia perfectiva, correspondendo a uma construção passiva sem o agente, que pode ser, por exemplo, *os enfermeiros* (Teve que ser feito o controle das vacinas pelos enfermeiros nos Postos de Saúde). Parece, portanto, não ser possível testar o fenômeno do acarretamento de verdade em PB, colocando a morfologia perfectiva no modal. Tsai testa esse fenômeno por meio da combinação de deônticos *ought-to-be* com advérbios altos, como *changchang* (often) (Cf. (2)).

Quando o deôntico *ought-to-be* denota uma relação entre o falante e seu interlocutor, correspondendo a um ato de fala diretivo, também não é possível testar a sua reação ao fenômeno do acarretamento de verdade. Considere os seguintes exemplos:

- (4) a. As crianças têm que/devem receber as provas corrigidas.
- b. As crianças tiveram que receber as provas corrigidas.

Na sentença (4a), o falante coloca no ouvinte – que pode ser *a professora* – a obrigação de dar às crianças as suas provas corrigidas. Essa sentença, portanto, corresponde a um ato de fala diretivo. Em (4b), o auxiliar *ter que* está na forma perfectiva; conseqüentemente, a leitura *ought-to-be* é bloqueada. Nesse caso, o modal é usado para reportar uma ordem ou uma necessidade, correspondendo a um deôntico do tipo *ought-to-do*, gerando, assim, acarretamento de verdade. Apenas modais altos não ocasionam acarretamentos de verdade. O caráter performativo do deôntico *ought-to-be* com *addressee* específico, em (4a), não pode ocorrer em uma forma perfectiva, dado que não faz sentido dar uma ordem a alguém para realizar um evento no passado.

Em suma, como observado na literatura (HACQUARD, 2006, 2009; TSAI, 2015), modais interpretados em uma posição alta (deônticos *ought-to-be* e modais epistêmicos) não geram acarretamentos de verdade, o que os torna diferentes de modais interpretados em posição baixa (deônticos *ought-to-do* e modais dinâmicos).

O deônico *ought-to-be* em contextos matrizes e/ou encaixados

Como observado na literatura, certos elementos têm sua ocorrência restrita ao domínio matriz (*root phenomenon*), enquanto outros figuram em domínios matriz e encaixado (HAEGEMAN, 2004; PORTNER; PAK; ZANUTTINI, 2019). Portner, Pak e Zanuttini (2019) relatam essa distribuição pela orientação dos itens: elementos que expressam a relação social entre os interlocutores são orientados para o momento da fala e não figuram em domínios encaixados; por outro lado, elementos que não capturam essa relação podem ocorrer seja em contextos matrizes, seja em encaixados. Como evidência dessa distribuição, os autores mostram o emprego de partículas interrogativas e de estilo de fala, no coreano, e de partículas de polidez, no japonês. Os exemplos (5) e (6) a seguir, transcritos de Portner, Pak e Zanuttini (2019, p. 3), ilustram o emprego de uma das partículas de estilo de fala do coreano:

(5) Ecey pi-ka o-ass-**supnita**.
yesterday rain-nom come-pst-decl.form
'Choveu ontem'

(6) *Inho-ka [ecey pi-ka o-ass-**supnita**-ko] malhayss-supnita.
Inho-nom [yesterday rain-nom come-pst-decl.form-comp] said-decl.form

Em coreano, há partículas de estilo de fala que ocorrem no final da sentença que são responsáveis por codificar informação sobre o falante e o interlocutor, bem como sobre o nível de formalidade da situação em que a comunicação ocorre. Nos exemplos acima, é usada a partícula *supnita*, que marca a situação como formal e o interlocutor como socialmente superior (ou mais velho) que o falante, além de identificar o tipo de sentença (declarativa). A agramaticalidade de (6) resulta do uso dessa partícula em domínio encaixado, indicando que elementos que codificam informações estabelecidas no contexto enunciativo – tais como relação entre interlocutores e o nível de formalidade da situação – são restritos a domínios matrizes.

Esse fenômeno pode ser também verificado em japonês, no uso da partícula *-mas*, como mostram os exemplos abaixo (PORTNER; PAK; ZANUTTINI, 2019, p. 4):

(7) Peter-wa sushi-o tabe-**mas**-i-ta.
Peter-top sushi-acc eat-mas-decl.pst
'Peter comeu sushi.'

(8) Hanako-wa [dare-ga kuru/*ki-**mas**-u ka] sitte i-mas-u.
Hanako-top [who-nom come/come-mas-prs q] know mas-prs
'Hanako sabe quem está vindo.'

A partícula *-mas* corresponde a um marcador de polidez que o falante utiliza quando se dirige a um interlocutor específico em uma situação de comunicação levemente formal; tal partícula codifica, portanto, informações que capturam a relação entre o falante e o seu interlocutor. Nesse sentido, a agramaticalidade de seu uso em (8) se apresenta como uma evidência adicional de que elementos que capturam informações dessa natureza não podem ocorrer em domínios encaixados.

Um último exemplo apresentado por Portner, Pak e Zanuttini (2019) ilustra a relação entre a distribuição de partículas no domínio matriz e/ou encaixado e a informação que elas codificam. Os exemplos em (9) mostram os contextos em que duas partículas interrogativas são usadas em coreano (*-nya* e *-ni*):

- (9) a. Onul nalssi-ka way ilehkey coh-**nya**? (talking to oneself)
today weather-nom why like.this good-int.pln
'Por que o tempo está tão bom hoje?'
- b. Changco-**nya**, cinhwa-**nya**? (in writing)
creation-int.pln evolution-int.pln
'Criação ou evolução?'
- (10) Choyseon-ul ta ha-ass-**ni**? (to an interlocutor)
best-acc all do-pst-int.pln
'Você deu o seu melhor?'

De acordo com os autores, a partícula interrogativa *-nya* pode aparecer em contextos encaixados, enquanto a partícula *-ni* não. Vale notar que, nos exemplos acima, *-nya* ocorre em sentenças sem um interlocutor específico, como em (9a) e (9b), ao passo que *-ni* é usado em sentenças que se referem diretamente a um interlocutor, como em (10). Esses exemplos corroboram a afirmação dos autores de que elementos usados em sentenças com um interlocutor específico codificam informação a respeito da relação falante-interlocutor.

Como argumentado neste artigo, o deôntico *ought-to-be* pode figurar em construções sem nenhum addressee, com um *addressee* genérico ou, ainda, com um addressee específico. Com base em Portner, Pak e Zanuttini (2019) e no comportamento das partículas empregadas nos exemplos de (5) a (10), é esperado que um modal como o deôntico *ought-to-be* apresente uma distribuição sintática diferente através das línguas, a depender se a sentença tem um *interlocutor* específico ou não, assumindo que essa proposição seja válida para além do coreano e do japonês. Espera-se, portanto, que tal diferença sintática seja observada não apenas no PB, como mostramos neste artigo, mas em todas as línguas, considerando, nas linhas da Abordagem Cartográfica (CINQUE; RIZZI, 2008), que, quando um núcleo funcional é proposto para uma língua, ele deve ocorrer interlinguisticamente. Em (11) é ilustrada a distribuição sintática de um *ought-to-be* sem um interlocutor específico:

- (11) a. Tem que/Deve haver medidas contra a violência doméstica.
 b. Tem que/Deve haver medidas que protejam as mulheres em situação de violência doméstica.
 c. Muitos concordam que tem que/deve haver medidas protetivas à mulher em situação de violência doméstica.

A boa formação das sentenças acima mostra que *ter que* e *dever* com leitura de deontico *ought-to-be* podem ocorrer em contextos matrizes (11b) e encaixados (11c). Esse resultado já era esperado, uma vez que nessas sentenças o modal não se dirige a nenhum interlocutor específico.

A restrição ao domínio encaixado está relacionada ao uso de um elemento linguístico particular que captura a relação entre o falante e o seu interlocutor. Por essa razão, um *ought-to-be* orientado para o addressee não ocorre em domínio encaixado, como ilustra o exemplo abaixo:

- (12) a. O traficante *tem que/deve* morrer nessa operação.
 b. O comandante disse que o traficante *tem que/deve* morrer nessa operação.

Em (12a), o modal *ter que/dever* pode adquirir uma leitura deontica (além da de desejo); nesse caso, a sentença corresponde a um ato de fala diretivo, e a obrigação recai sobre o addressee. Considerando esse uso, é assumido que os fatores apontados por Portner, Pak e Zanuttini (2019) se tornam relevantes, aqueles que se referem à situação de comunicação e ao status dos interlocutores [S<A, S≤A, S=A, S≥A, S>A], em que S corresponde ao falante e A ao ouvinte. A hipótese apresentada aqui é a de que um deontico *ought-to-be* que corresponde a um ato performativo precisa ser checado quanto ao traço *status* dos interlocutores, como no caso das partículas *-ni* e *-supnita* do coreano e da partícula *-mas* do japonês (Cf. exemplos (4) a (10) acima). Como observado anteriormente, esses autores afirmam que os traços de *situação* e de *status* são expressos pelo núcleo da categoria cP, que decodifica fatores contextuais. Eles também observam que o traço *status* exprime um significado performativo, razão pela qual a categoria cP não se projeta na posição mais alta de um predicado encaixado (p. 30); consequentemente, um elemento que codifica essa informação não pode ocorrer em domínios encaixados. Em (12b), a leitura deontica é mantida, mas como o relato de uma ordem, e não como um ato performativo. A obrigação não está sendo colocada sobre o interlocutor ou sobre qualquer outro participante específico; trata-se de um *ought-to-be* com referência genérica. A sua ocorrência no domínio encaixado, portanto, está de acordo com a hipótese de Portner, Pak e Zanuttini (2019). Além disso, o traço *status*, a ser checado no núcleo cP, se refere apenas à relação falante-interlocutor, e o modal empregado em (12b) relaciona o sujeito da sentença matriz (a pessoa que dá a ordem) ao participante sobre o qual recai a obrigação, que, nesse caso, não é necessariamente o interlocutor.

Um outro exemplo de deôntico *ought-to-be* em domínio encaixado é apresentado em (13):

- (13) a. O bebê *tem que/deve* ser vacinado para Hepatite B.
b. O médico disse que o bebê *tem que/deve* ser vacinado para Hepatite B.

(13a) pode corresponder a um ato de fala diretivo, em que a obrigação expressa pelo modal *ter que/dever* – um deôntico *ought-to-be* – recai sobre o interlocutor. Quando essa mesma sentença ocorre em domínio encaixado (13b), ela perde o caráter performativo, ou seja, ela não expressa mais a relação entre o falante (quem dá a ordem) e o interlocutor (a quem a ordem é dirigida). Como tem sido argumentado, em (12a) e (13a) a categoria cP é projetada, uma vez que o modal corresponde a um deôntico *ought-to-be* com addressee específico.

(14) ilustra casos em que o sujeito da sentença sobre a qual o modal opera exibe a mesma referência que o interlocutor:

- (14) a. Você *tem que/deve* trabalhar aos sábados.
b. O chefe disse que você *tem que/deve* trabalhar aos sábados.

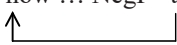
Em ambas as sentenças do exemplo (14), a obrigação expressa pelo modal recai sobre o interlocutor, uma vez que o pronome ‘você’, que se refere a este participante, corresponde ao sujeito das sentenças com o modal. Note que, em (14b), *ter que/dever* ocorre no domínio encaixado, mesmo com a obrigação recaindo sobre o interlocutor. Isso é possível porque o modal estabelece uma relação entre o interlocutor (o sujeito da sentença encaixada) e o sujeito da sentença matriz, e não entre os participantes do evento de fala: o falante e o interlocutor. É essa última relação que requer a checagem do traço *status* no núcleo da categoria cP, uma operação que não pode ser feita se o modal ocorre em domínio encaixado.

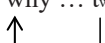
A diferença no comportamento de um deôntico *ought-to-be* com ou sem addressee específico no que se refere à ocorrência em contextos encaixados revela que os conceitos apresentados em Castañeda e Feldman, de um lado, e em Hacquard, de outro, têm suas origens na orientação do modal, que pode ocorrer em sentenças com um addressee específico, ou em sentenças com addressee genérico ou inexistente. Na próxima seção, argumentamos que essa diferença se reflete na estrutura projetada para a interpretação do *ought-to-be*.

Sobre a posição do deôntico *ought-to-be* no Sistema CP

O fenômeno do acarretamento de verdade, abordado na subseção 2.1, mostra que o deôntico *ought-to-be*, da mesma forma que modal epistêmico, ocupa uma posição acima de TP. Portanto, de acordo com Tsai (2015), o espaço natural para esses modais parece

Imagem 2 – *How* e *why* em interação com a negação

- (17) how ... NegP t_{how}


 (18) why ... t_{why} ... NegP


Fonte: Shlonsky e Soare (2011, p. 657).

Isso mostra que a posição de base de *why* precisa estar localizada acima da projeção de NegP.

Usando dados do italiano, Rizzi (2001) mostra que interrogativas com elementos-wh argumentais, como *che cosa* (*o que*), e adverbiais baixos, como *dove* (*onde*) e *come* (*como*), devem obrigatoriamente manifestar movimento de I para C. Por outro lado, tal movimento não é obrigatório em perguntas com sintagmas-wh correspondentes a advérbios altos, como *perché* (*por que*) (Cf. (20)):

- (19) a. **Che cosa Gianni ha fatto?*
 a'. *Che cosa ha fatto Gianni?*
 'O que o Gianni fez?'
 b. **Dove Gianni è andato?*
 b'. *Dove è andato Gianni?*
 'Aonde o Gianni foi?'
 c. **Come Gianni è partito?*
 c'. *Come è partito Gianni?*
 'Como o Gianni partiu?' (RIZZI, 2001, p. 5)

- (20) *Perché Gianni è venuto?*
 'Por que o Gianni veio?' (RIZZI, 2001, p. 7)

Além disso, o autor mostra que elementos-wh não podem ocorrer com um foco (contrastivo) (cf. (21)). Porém, essa restrição não se aplica ao constituinte *perché*, que pode figurar na ordem *perché*-Foco (Cf. (22)).

- (21) a. **A GIANNI che cosa hai detto (, non a Piero)?*
 'PARA O GIANNI o que você disse (não para o Pedro)'
 b. **Che cosa A GIANNI hai detto (, non a Piero)?* (RIZZI, 1997, p. 291)

- (22) *Perché QUESTO avremmo dovuto dirgli, non qualcos'altro?*
 'Por que ISSO deveríamos ter dito a ele, não alguma outra coisa?'
 (RIZZI, 2001, p. 7)

Rizzi (2001) hipotetiza que elementos como *why* e *perché* têm seu merge externo no sistema CP, mais precisamente no Spec de IntP. Além disso, ele propõe que o traço [+wh] em interrogativas com esses sintagmas seja intrínseco ao núcleo Int^o. Assim, em perguntas com *perché*, o Critério-Wh (RIZZI, 1996) é satisfeito em IntP, entre *perché* e Int^o [+wh]. Consequentemente, o movimento de I para C se torna desnecessário. Isso não ocorre, por outro lado, com elementos-wh argumentais ou wh- com função de advérbio baixo, como em (19a'), (19b') e (19c'), porque a geração em Spec de IntP não se estende a esses elementos: por não se tratarem de operadores sentenciais, eles devem ser gerados em posição interna a IP para que suas propriedades interpretativas sejam estabelecidas. Nesse caso, o Critério-Wh é satisfeito através de outra estratégia: o movimento desses elementos para Spec de FocP e, consequentemente, o movimento de I [+wh] para Foc^o.

Uma vez que *perché* tem seu merge externo em IntP, fica explicado por que esse sintagma-wh pode co-ocorrer com um foco, como ilustrado em (22): ele ocupa a posição de Spec de IntP, que fica acima da projeção do núcleo Foc^o e, por isso, pode co-ocorrer com um foco na ordem *perché*-Foco. A agramaticalidade das sentenças em (21) resulta da co-ocorrência de elementos-wh argumentais e adverbiais baixos com um foco contrastivo. Esses sintagmas-wh são inseridos em uma posição interna a IP e se movem para Spec de FocP, competindo, assim, com o foco contrastivo, que ocupa essa posição.

A mesma análise pode ser assumida para o caso do *por que* da periferia esquerda em PB. A gramaticalidade de (23a) mostra que esse sintagma tem seu merge externo em uma posição acima de NegP, tal como ilustrado em (23b). O exemplo em (24), por sua vez, mostra que *por que* não se move para Spec de FocP, dado que pode co-ocorrer com um foco na ordem *por que*-Foco.

(23) a. Por que o Paulo não viajou?

b. Por que ... t_{por que} ... NegP



(24) Por que UMA MOTO você comprou? (não um carro)

Considerando que *por que* se origina no sistema CP, em Spec de IntP, é possível recorrer a interrogativas com esse sintagma-wh para checar o limite mais alto de um verbo modal. Os dados em (25) e (26) mostram como um deontico *ought-to-be* com e sem *addressee* específico, respectivamente, interagem com *por que*:

(25) A: A filha da protagonista tem que/deve ter olhos azuis.

B: Por que a filha da protagonista tem que/deve ter olhos azuis?

C: Sinceramente, eu não sei a razão dessa ordem.

- (26) A: No Brasil, tem que/deve haver políticas de incentivo aos estudantes.
B: Por que tem que/deve haver políticas de incentivo aos estudantes no Brasil?
C: Honestamente, eu não sei a razão dessa obrigação.

O fato de as perguntas em (25B) e (26B) poderem ser respondidas com as sentenças (25C) e (26C), que explicitam, respectivamente, a causa da ordem e da obrigação expressas pelos modais, mostra que o elemento-wh *por que* tem escopo sobre o deontico *ought-to-be* (*ter que/dever*). A conclusão, portanto, é que o auxiliar modal *ought-to-be* é interpretado em uma posição abaixo da projeção IntP.

Vejamos, agora, o comportamento de um *ought-to-be* com relação a uma posição mais baixa no sistema CP, considerando o fenômeno do fronteamto adverbial em (27b), discutido por Rizzi e Bocci (2017):

- (27) a. *Gianni ha trovato rapidamente la soluzione.*
‘Gianni encontrou rapidamente a solução’
b. *Rapidamente, Gianni ha trovato la soluzione.*
‘Rapidamente, Gianni encontrou a solução’ (RIZZI; BOCCI, 2017, p. 5)

É relevante observar que advérbios como *rapidamente* podem ser topicalizados e focalizados. Porém, o fronteamto em (27b) se refere a um fenômeno que serve para colocar o advérbio em evidência, sem lhe atribuir um status de tópico ou foco. Como observado por Rizzi e Bocci (2017), ainda que sentenças como (27b) sejam semelhantes a uma estrutura com articulação tópico-comentário do ponto de vista entoacional, elas apresentam uma interpretação diferente: tópicos requerem uma conexão estreita com o contexto pragmático-discursivo, sendo, necessariamente, uma informação dada; o fronteamto de um advérbio como *rapidamente* in (27b), por outro lado, não precisa estabelecer uma conexão com o contexto precedente. Se comparado com uma estrutura de focalização, (27b) é entoacional e interpretativamente diferente: não é sua função fornecer uma informação não pressuposta que contraste com um outro elemento apresentado previamente na situação comunicativa.

Além disso, o fronteamto adverbial de (27b) apresenta sintaxe diferente da de sentenças com tópico e foco. Dentre as diferenças apontadas por Rizzi e Bocci (2017), está o fato de que o fronteamto adverbial é um fenômeno restrito à sentença em que ocorre: em uma estrutura como (28), *rapidamente* pode atuar sobre a sentença matriz (indicando que Mario disse alguma coisa rapidamente), mas não sobre a sentença encaixada. Tal restrição, por outro lado, não se verifica na topicalização e/ou na focalização. No exemplo (29), em que *rapidamente* é interpretado como foco contrastivo, sua atuação não se restringe ao domínio matriz.

- (28) *Rapidamente, Mario ha detto (--) che Gianni ha trovato (*) la soluzione.*
‘Rapidamente, Mario disse que Gianni encontrou a solução’
(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 6)

(29) *RAPIDAMENTE* Mario ha detto () che Gianni ha trovato () la soluzione, non lentamente.

‘RAPIDAMENTE Mario disse que Gianni encontrou a solução, não lentamente’

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 6)

Rizzi e Bocci (2017) usam o exemplo em (30) para argumentar que a projeção em jogo no frenteamento adverbial, denominada ModP, ocupa uma posição acima da projeção de tópico mais baixa na periferia esquerda. Por outro lado, ModP tem que se projetar abaixo de IntP, dado que *rapidamente* pode apenas seguir o complementizador *se*, que se realiza como o núcleo de IntP (Cf. (31a-b)).

(30) *Rapidamente, i libri, li hanno rimessi a posto.*

‘Rapidamente, os livros, eles os recolocaram no lugar’

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 6)

(31) a. *Mi domando se, rapidamente, Gianni potrà trovare la soluzione.*

‘Me pergunto se, rapidamente, Gianni poderá encontrar a solução’

b. **Mi domando, rapidamente, se Gianni potrà trovare la soluzione.*

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 7)

ModP, além disso, não pode preceder a projeção de Foc°, o que fica constatado pelo fato de que, em sentenças como (32), *rapidamente* poder apresentar uma leitura de tópico, mas não de advérbio fronteadado.

(32) *Rapidamente, I LIBRI hanno rimesso a posto, non gli articoli.*

‘Rapidamente, OS LIVROS eles recolocaram no lugar, não os artigos’

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 7)

De acordo com os autores, (32) é uma estrutura apropriada como uma sequência para (33a):

(33) a. *So che hanno rapidamente rimesso a posto gli articoli...*

‘Eu sei que rapidamente eles recolocaram os artigos no lugar...’

b. *No! rapidamente, I LIBRI hanno rimesso a posto, non gli articoli.*

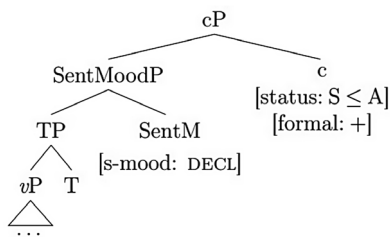
‘Não! rapidamente, OS LIVROS ele recolocaram no lugar, não os artigos’

A conclusão a que Rizzi e Bocci (2017) chegam é a de que o núcleo Mod ocupa a parte inferior do sistema CP, podendo apenas ocorrer abaixo da posição de tópico mais baixa.

estrutura em que essa categoria não é ativada, dado que a interpretação desse modal não depende de traços que capturam a relação entre os interlocutores.

A parte relevante da estrutura sintática proposta por Portner, Pak e Zanuttini (2019) para elementos que expressam uma relação entre os interlocutores é transcrita em (Imagem 3):

Imagem 3 – A relação falante-interlocutor na estrutura sintática segundo Portner, Pak e Zanuttini (2019)



Fonte: Portner, Pak e Zanuttini (2019, p. 10).

Um deôntico *ought-to-be* com addressee específico precisa checar traços no núcleo da categoria cP, razão pela qual sua ocorrência é restrita a domínios matrizes, que têm uma interface com a situação pragmático-discursiva. Um elemento linguístico presente em domínio encaixado não tem acesso ao núcleo da categoria cP, que não pode ser complemento de um predicado mais alto, uma vez que codifica informações acerca da situação de comunicação e do *status* dos interlocutores. A representação em (Imagem 3) fornece uma explicação para a restrição de um auxiliar modal deôntico ao domínio encaixado quando a obrigação é colocada diretamente sobre o addressee. Para dar conta, entretanto, da interpretação performativa ligada ao *ought-to-be* com um addressee específico, é necessário modificar, em (Imagem 3), o tipo de sentença especificado na categoria SentM: de declarativa (DECL) para imperativa (IMP). Dessa forma, o deôntico será relativizado a um ato de fala cujo conteúdo corresponde a uma lista de tarefas que pertencem ao addressee (the addressee’s “To-Do-List”), como proposto por Hacquard (2006) para construções imperativas.

Como observado anteriormente, essa perspectiva de análise nos permite diferenciar um *ought-to-be* com um addressee específico de um *ought-to-be* com *addressee* genérico ou inexistente. Nessa perspectiva, o maior desafio passa a ser diferenciar a estrutura de um *ought-to-be* sem addressee específico da correspondente a um modal epistêmico, considerando que ambos são interpretados acima das categorias de Tempo e Aspecto (CINQUE, 1999; HACQUARD, 2006, 2010; TSAI, 2015); não geram acarretamento de verdade; ocorrem em ambos os contextos – matrizes e encaixados; e figuram em sentenças declarativas, correspondendo a asserções. Sobre essa última propriedade, Yanovich (2015) observa que, na proposta de Hacquard, o conteúdo de um evento de fala em uma sentença declarativa corresponde a um conjunto de crenças

do falante, o qual é apenas compatível com a interpretação epistêmica. Além disso, vale notar que Hacquard explicita a diferença entre modais altos e baixos por meio de representações que correspondem ao deontico *ought-to-do* e ao modal epistêmico³. A posição de interpretação de um modal deontico alto e suas diferenças estruturais em relação ao modal epistêmico não são especificadas pela autora.

A discussão envolvendo a posição de interpretação de um modal epistêmico na estrutura sintática foge ao escopo deste artigo, mas é importante notar que esta é uma questão desafiadora, que precisa ser investigada acuradamente, uma vez que se apresenta em estreita interface com a semântica dos modais.

Considerações finais

Neste artigo, nosso objetivo foi mostrar que o modal deontico *ought-to-be* pode ser empregado sem um addressee específico, conforme a definição de Castañeda (1970) e Feldman (1986), ou com um addressee específico, conforme Hacquard (2006, 2010). Procuramos fornecer evidências de que, em ambos os casos, o modal é interpretado na periferia esquerda da sentença, entre os núcleos IntP e ModP.

Investigamos o comportamento de um deontico *ought-to-be* com relação a fenômenos como acarretamento de verdade e (não-)ocorrência em domínios encaixados. Os resultados apontam para diferenças nas suas estruturas sintáticas. Com base na análise de Portner, Pak e Zanuttini (2019) para as partículas de estilo de fala do coreano, propusemos que um deontico *ought-to-be* com addressee específico precisa checar traços que capturam a relação entre falante e seu interlocutor, tais como *status*; por essa razão, ele integra uma estrutura que faz interface com a categoria funcional cP, cujo núcleo permite que tais traços sejam checados. Por outro lado, um deontico *ought-to-be* sem addressee específico não remete à relação entre os interlocutores; consequentemente, ele integra uma estrutura sem a projeção da categoria cP.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq pelo auxílio (Processo 424025/2016-7), concedido pelo Edital Universal 01/2016.

³ Transcrevemos, em (i) e (ii), as representações propostas por Hacquard (2010, p. 7) para as derivações de um deontico *ought-to-do* e de um modal epistêmico, respectivamente:

- (i) [_{CP} Speech e₀ λe₀ [_{TP} T Asp₁ λe₁ Mod f (e₁) [_{VP} V e₁]]] (Deontico *ought-to-do*)
(ii) [_{CP} Speech e₀ λe₀ Mod f (e₀) [_{TP} T Asp₁ λe₁ [_{VP} V e₁]]] (Epistêmico)

Em (i), o modal adquire leitura deontica do tipo *ought-to-do*; ele é interpretado em uma posição baixa na estrutura, e a variável do evento é relacionada ao evento descrito pelo vP (e₁). Em (ii), o modal apresenta interpretação epistêmica; é interpretado em uma posição alta na estrutura, e a variável do evento se relaciona a um evento de fala (e₀).

RECH, N.; GUESSER, S. On the syntax of ought-to-be constructions with and without a specific addressee. *Alfa*, São Paulo, v.66, 2022.

- *ABSTRACT: This paper focuses on the (ought-to-be) deontic, which is analyzed from the concepts of obligation discussed in Castañeda (1970), Feldman (1986) and Hacquard (2006, 2010). From co-occurrence tests of an ought-to-be modal with other elements in the CP layer – in particular, with the wh-phrase por que (why) and with adverbial elements, it was found that ought-to-be is interpreted between the high projections IntP and ModP. It was also shown that an ought-to-be can be used in an utterance with or without a specific addressee and that this difference reflects in the syntax. The proposal is to extend the analysis by Portner, Pak and Zanuttini (2019), developed for Korean speech style particles, to the ought-to-be deontic, postulating that this deontic, when used with a specific addressee, integrates a structure in which the cP category is projected, which allows features that express the speaker-addressee relation, such as status, to be checked. Consequently, this modal is restricted to the matrix domain. When, however, it appears in an utterance without a specific addressee, it integrates a structure without the projection of cP, since it does not refer to the speaker-addressee relationship. In this case, it can appear in both the matrix and embedded domains.*
- *KEYWORDS: ought-to-be deontic modality; speaker-addressee relationship; cP category.*

REFERÊNCIAS

BHATT, R. **Ability Modals and their Actuality Entailments**. Stanford: CSLI, 1999. Disponível em: <http://people.umass.edu/bhatt/papers/wccfl-ability-modals.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2022.

BRENNAN, V. **Root and Epistemic modal auxiliary verbs**. 1993. Tese (Doutorado em Linguística) - University of Massachusetts, Amherst, 1993.

CASTAÑEDA, H. On the Semantics of the Ought-to-do. *Synthese*, Dordrecht, n. 21, p. 449-468, 1970.

CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective**. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, G.; RIZZI, L. The cartography of syntactic structures. **CISCL Working Papers on Language and Cognition**, Siena, v. 2, p. 43-59, 2008.

FELDMAN, F. **Doing the Best We Can: philosophical Studies**. Dordrecht: Reidel, 1986. (Series in philosophy, 35).

HACQUARD, V. On the Event Relativity of Modal Auxiliaries. **Natural Language Semantics**, Dordrecht, n. 18, p. 79-114, 2010.

- HACQUARD, V. On the interaction of aspect and modal auxiliaries. **Linguistics and Philosophy**, Dordrecht, n. 32, p. 279-312, 2009.
- HACQUARD, V. **Aspects of modality**. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia da Linguística) - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.
- HAEGEMAN, L. Topicalization, CLLD and the left periphery. **ZASPapers in Linguistics**, Berlin, n. 35, p. 157-192, 2004.
- MIOTO, C. Focalização e quantificação. **Revista Letras**, Curitiba, v. 61, p. 169-189, 2003.
- MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português brasileiro. **Revista Letras**, Curitiba, v. 56, p. 97-139, 2001.
- PORTNER, P.; PAK, M.; ZANUTTINI, R. The speaker-addressee relation at the syntax-semantics interface. **Language**, Washington, v. 95, n. 1, p. 1-36, 2019.
- RECH, N.; SOARES, E. C.; GUESSER, S. L. A interpretação deôntica no português brasileiro: um estudo de natureza experimental. **Revista Diacrítica**, Braga, v. 33, p. 178-195, 2019.
- RECH, N. F.; VARASCHIN, G. Predicados estativos e os tipos de deôntico: ought-to-do e ought-to-be. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.60, n.1, p.159–177, 2018a.
- RECH, N. F.; VARASCHIN, G. Propriedades do modal deôntico ought-to-be. **Alfa**, Araraquara, v.62, n.2, p.361–380, 2018b.
- RIZZI, L. On the Position of Interrogative in the Left Periphery of the Clause. *In*: CINQUE, G.; SALVI, G. (ed.). **Current studies in Italian syntax: essays offered to Lorenzo Renzi**. Amsterdam: Elsevier North-Holland, 2001. p. 287-296.
- RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. *In*: HAEGEMAN, L. **Elements of Grammar: a handbook of generative syntax**. Kluwer: Dordrecht, 1997. p.281–337.
- RIZZI, L. Residual Verb Second and the Wh criterion. *In*: BELLETTI, A.; RIZZI, L. (ed.). **Parameters and Functional Heads**. Oxford: New York: Oxford University Press, 1996. p. 63–90.
- RIZZI, L. **Relativized minimality**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1990.
- RIZZI, L.; BOCCI, G. The left periphery of the clause: primarily illustrated for Italian. *In*: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. C. (ed.). **The Wiley Blackwell Companion to Syntax**. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 2017. p. 589–638.
- SHLONSKY, U.; SOARE, G. Where's 'why'? **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 42, n. 4, p. 651-669, 2011.

TSAI, W. D. On the Topography of Chinese Modals. *In*: SLHONSKY, U. (ed.). **Beyond Functional Sequence**: The cartography of syntactic structures. Oxford: Oxford University Press, 2015. v.10. p. 275-294.

YANOVICH, I. **Epistemic Modality**. Draft. 2015. Disponível em: http://www.sfs.uni-tuebingen.de/~yanovich/papers/Yanovich_SemCom_epistemic_draft_March2015.pdf. Acesso em: 7 Mar. 2022.

Recebido em 2 de outubro de 2020

Aprovado em 11 de junho de 2021